

## migração e estrutura produtiva: o caso das regiões metropolitanas nordestinas\*

Ana Amélia Camarano\*\*

RESUMO – O objetivo do trabalho é, a partir da vinculação entre a dinâmica migratória e a econômica, tentar entender os processos gerais que determinam a evolução diferenciada do crescimento populacional nas três regiões metropolitanas nordestinas (Fortaleza, Recife e Salvador). A Região Metropolitana do Recife vem perdendo o seu poder de atração frente às outras duas áreas pelo seu menor dinamismo econômico. Enquanto Salvador vem apresentando uma expansão mais acentuada do seu setor industrial, a Região Metropolitana de Fortaleza foi a que apresentou as maiores taxas líquidas de migração. Os resultados encontrados chamam a atenção para o fato de que a associação entre a dinâmica migratória e a econômica não é tão direta como parece à primeira vista. Para a compreensão deste processo outros fatores devem ser considerados além dos tradicionais fatores de expulsão e atração.

Integrada ao processo de metropolização da população brasileira, a proporção da população nordestina residente nas suas três áreas metropolitanas (Fortaleza, Recife e Salvador) tem sido crescente nos últimos anos. Embora, à primeira vista, o padrão de crescimento destas três áreas pareça assemelhar-se, constata-se uma expansão diferenciada das atividades econômicas no interior de cada um desses subespaços regionais, o que resulta em distintos processos atuando de modo variado sobre a dinâmica da população

De fato, quando se considera o crescimento demográfico, verifica-se que, enquanto a Região Metropolitana de Recife (RMR) cresceu a uma taxa de 2,7% ao ano, as de Fortaleza e Salvador expandiram-se respectivamente, a 4,3% e 4,4% entre 1970 e 1980.

O objetivo deste trabalho é, tendo por base a vinculação entre a dinâmica migratória e a econômica, tentar entender os processos gerais que determinam a evolução diferenciada do crescimento populacional nessas três áreas urbanas. Esta compreensão é buscada levando em conta o comportamento dos setores produtivos no tocante à absorção de mão-de-obra. Para o alcance do objetivo proposto, o trabalho inicia-se com uma análise da dinâmica demográfica das regiões metropolitanas nordestinas no período 1960-1980. Uma avaliação da evolução do

---

\* Trabalho apresentado no Colóquio Internacional sobre Estrutura do Emprego e Dinâmica Espacial da Força de Trabalho, realizado em 11/13 de novembro de 1985 na cidade de Salvador.

\*\* Fundação SEADE

emprego na indústria e sua relação com a estrutura econômica encontra-se a seguir. Considerou-se também o emprego nos setores Comércio, Serviços e Informal e, a partir desta avaliação, procura-se fazer uma tentativa de associação entre as atividades econômicas e os movimentos de população, tomando como base as relações entre o comportamento dos setores produtivos e a absorção de mão-de-obra.

É importante salientar que este é um trabalho que busca compreender uma das dimensões do processo migratório que é a absorção de mão-de-obra nas áreas de destino, enfocando portanto apenas os fatores de atração. Assim sendo, centra-se no que vem ocorrendo na estrutura econômica das áreas metropolitanas, sem se referir ao que vem se passando nas regiões de origem. Isto não significa que não se considera a importância dos fatores de expulsão nesse processo.

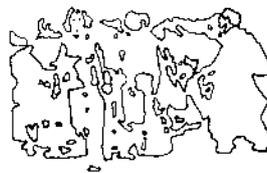
## **A DINÂMICA DEMOGRÁFICA NO PERÍODO 1960-1980**

A Região Metropolitana de Recife vem detendo o maior volume populacional quando comparada com as duas outras regiões metropolitanas nordestinas – Fortaleza e Salvador – como pode ser observado na Tabela 1. Seu crescimento, no entanto, vem se dando num ritmo inferior às demais.

A Tabela 2 apresenta as taxas de crescimento observadas nestas três áreas metropolitanas e os componentes deste crescimento, procurando identificar as variáveis demográficas responsáveis por este comportamento. Um primeiro ponto a se salientar é o decréscimo nas taxas de crescimento, decréscimo este decorrente da queda de fecundidade experimentada pelas três áreas metropolitanas na última década. Esta queda mais que contrabalançou a redução havida nos níveis de mortalidade e o aumento da migração observado em Salvador e Fortaleza, levando ao declínio mencionado.

Como a fecundidade e a mortalidade estão decrescendo significativamente em todas as Regiões Metropolitanas, o que tem diferenciado a dinâmica demográfica de cada uma delas tem sido a migração. Comparando as duas décadas, observa-se que a migração aumentou a sua importância no crescimento populacional das áreas metropolitanas de Fortaleza e Salvador e diminuiu no caso de Recife. Naquelas duas regiões, a taxa líquida de migração cresceu no período 70-80, anulando parte da queda havida na taxa de crescimento vegetativo. Na do Recife, a taxa líquida de migração apresentou um decréscimo sensível, o que, conjuntamente com a redução da fecundidade, levou a uma queda mais significativa na taxa de crescimento observada.

Esta menor taxa líquida de migração estimada para a Região Metropolitana do Recife pode ser facilmente explicada por um ingresso de pessoas relativamente menor e uma saída relativamente maior. A proporção de imigrantes no total da população da Região Metropolitana do Recife apresentou um incremento de 24% entre 1970 e 1980. Já nas áreas de Fortaleza e Salvador, os incrementos observados foram de 38 e 35%, respectivamente, no mesmo período. Por outro lado, o volume de saídas ocorridas na Área Metropolitana do Recife na última década foi quase três vezes superior ao ocorrido nas outras duas áreas, no mesmo período, confor-



me pode-se observar na Tabela 3.

Os dados mostram que mais significativo que um ingresso populacional menor na Região Metropolitana do Recife para explicar a sua mais baixa taxa de migração, o que parece ter ocorrido foi uma saída mais expressiva nesta área. Como estes dados incluem a migração intrametropolitana, é importante desagregar este fluxo para se ter uma idéia da magnitude deste volume comparativo ao que se origina e/ou se destina para fora da Região Metropolitana (Vide Tabela 4). Como pode ser observado, a migração intrametropolitana é bem mais significativa na Região Metropolitana do Recife do que nas outras duas, constituindo-se em quase 50% do fluxo desta área. É importante salientar que 75% do fluxo de saídas desta região se origina no Município do Recife, localizando-se 85% deste em Olinda, Jaboatão e Paulista, municípios limítrofes à capital pernambucana, o que pode significar um ampliação dos limites municipais mais do que uma evasão populacional. Esta proporção elevada da migração intramunicipal explica o elevado volume de imigrantes e emigrantes encontrados na Tabela 3. Em que pese esta importância, cumpre salientar que os 47% dos emigrantes da Área Metropolitana e 52% dos oriundos do município-sede dirigiram-se para fora da Área Metropolitana. Os dados disponíveis novamente não permitem o conhecimento do destino desta emigração. Nas outras duas áreas, os deslocamentos intrametropolitanos são menos significativos e as saídas são bem menores que as entradas.

Em síntese, pode-se dizer que os dados apontam para menor poder de atração da Região Metropolitana do Recife frente às duas outras áreas metropolitanas nordestinas, poder este que vem diminuindo no tempo. Pretende-se buscar alguma compreensão para este fenômeno a partir do comportamento diferenciado da estrutura sócio-econômica de cada Região Metropolitana e ao contexto no qual cada uma delas se situa.

#### **A DINÂMICA DO EMPREGO NA INDÚSTRIA E ESTRUTURA ECONÔMICA**

O crescimento econômico observado no Brasil no período 1950-1978 teve como suporte a industrialização e condicionou a distribuição espacial da população. Neste caso, a localização da produção industrial nos diversos Estados foi fator de peso no processo de redistribuição da população, em que pese o caráter altamente intensivo de capital que vem apresentando a função de produção deste setor e que anula parte deste efeito.

As Regiões Metropolitanas caracterizam-se, dentro de seus Estados, como detentoras do maior parque industrial e, conseqüentemente, de um volume populacional mais significativo. Isto pode ser vislumbrado na Tabela 5, que apresenta a proporção do Valor da Transformação Industrial (VTI), do pessoal ocupado na indústria e da população das três áreas metropolitanas nordestinas em relação ao seu Estado, no ano de 1980. Pode-se observar que estas áreas concentravam, no mínimo, quase dois terços do VTI gerado nos respectivos Estados. Esta concentração foi mais significativa em Salvador, que deteve 84% deste valor, em 1980. É também nas Regiões Metropolitanas que se localizam a maior parte do pessoal ocupado no setor industrial dos respectivos estados.

É interessante ressaltar que, apesar de Salvador gerar a maior proporção do VTI es-

tadual, absorveu 44% do pessoal ocupado na indústria, sendo responsável apenas por 12% da população baiana. Isto pode ser resultado da característica de seu parque industrial, com alto valor de transformação mas com menor capacidade de absorção de mão-de-obra. É o caso, por exemplo, das indústrias de bens intermediários. Nessa situação, é anulada parte do efeito da expansão das atividades econômicas no processo de absorção de mão-de-obra e, conseqüentemente, de distribuição espacial da população.

Observando a distribuição do Valor da Produção Industrial (VPI) das três áreas metropolitanas em relação ao da Região Nordeste, no período 1959-1980, apresentada na Tabela 6, verifica-se um aumento da importância das regiões metropolitanas como geradoras deste valor. Em 1959, estas três áreas foram responsáveis por 18% do VPI produzido no Nordeste, tendo esta proporção passado para 26% em 1980. Este crescimento tem se dado pelo aumento mais que proporcional do VPI da Região Metropolitana de Salvador: esta obtivera 6% do VPI da região em 1959 e passou a deter 16% em 1980. Já a Região Metropolitana do Recife apresentou uma diminuição de importância, tanto absoluta quanto relativa, como geradora desse valor.

Fenômeno semelhante ocorreu com a distribuição percentual do VPI dos estados onde estão inseridas essas áreas; o Estado de Pernambuco, que detinha 33,4% do Valor da Transformação Industrial regional em 1959, passou a deter 26,7% em 1980; em contrapartida, a Bahia apresentou um aumento substancial nesta participação - de 31,7% em 1959 passou para 48,9% em 1980; o Estado do Ceará também apresentou um aumento nesta proporção.

Para entender essas transformações é importante fazer uma pequena consideração sobre o processo de industrialização recente da Região Nordeste e a forma como essas áreas se inserem neste processo.

## A INDUSTRIALIZAÇÃO REGIONAL

É preciso considerar dois momentos distintos vividos pela economia regional e sua vinculação com a região mais industrializada do País (Guimarães e Souza, 1984): o primeiro momento, denominado por estes autores de **articulação**, tem como característica básica a predominância de relações comerciais, principalmente compra e venda de excedentes exportáveis e a competição inter-regional. No caso do Nordeste, estas relações comerciais estariam vinculadas à exportação do açúcar, algodão e alguns bens de consumo não-duráveis. Nesse período, a Região Sudeste procurava uma ampliação do mercado para seus produtos industriais que viam a concorrer em desigualdade de condições com aqueles tradicionalmente produzidos na região.

Esse momento implicou em ajustamentos na economia nordestina, mas sem alterações significativas na estrutura produtiva e nas relações de produção. Um dos seus aspectos mais importantes foi a desorganização de unidades produtivas, principalmente do gênero têxtil, ocorrida na década de 50. Esse processo se deu de forma diferenciada entre os Estados do Ceará, Pernambuco e Bahia.



De acordo com a Tabela 6, o número de estabelecimentos têxteis aumentou em Pernambuco e Bahia e diminuiu no Ceará. Em contrapartida, o volume do pessoal ocupado reduziu-se significativamente nos dois primeiros estados e em proporção bem menor no Ceará. O mesmo ocorreu com a participação do VPI gerado pela indústria têxtil no total do VPI estadual; essa diminuiu sensivelmente em Pernambuco e na Bahia e aumentou no Ceará.(1)

É importante chamar a atenção para o impacto que essa desorganização desempenhou no Estado de Pernambuco, pois o setor têxtil aí respondia em 1950 por 32% do total do VPI gerado pelo Estado e por 37% do total do pessoal ocupado no setor industrial. Além disso, aproximadamente 75% dos empregos criados por este gênero industrial no conjunto dos três estados estava aí localizado. Embora as indústrias dinâmicas também tivessem apresentado nessa década taxas de crescimento do VPI em torno de 10% ao ano e do pessoal ocupado em torno de 4%, esse crescimento não foi suficiente para anular o efeito das taxas negativas observadas no setor têxtil. Como consequência, observou-se uma queda de 19 mil pessoas ocupadas na indústria pernambucana na década de 50, sendo 67% desta redução provocada pela redução ocorrida no setor têxtil (2).

Mesmo no Ceará nos anos 50, onde a indústria teve importância relativamente menor na economia local, o setor têxtil também apresentou um peso significativo no conjunto de seu parque industrial: foi responsável, nesse ano, por 26% do VPI gerado e por 24% do pessoal ocupado na indústria. Durante a década, esse setor aumentou sensivelmente a sua importância quanto ao valor da produção gerado e a redução havida no pessoal ocupado não chegou a 7% da redução total do pessoal ocupado pela indústria cearense.

Já no Estado da Bahia, a indústria têxtil vem perdendo importância no contexto da sua economia, mas essa perda foi compensada pelo crescimento do setor petroquímico, ou seja, pela criação da PETROBRÁS. Assim, esse Estado foi o único entre os três a apresentar um crescimento positivo do pessoal ocupado na indústria na década de 50. As atividades da PETROBRÁS conduziram à ampliação da produção de materiais de construção e incentivaram a emergência de alguns setores "dinâmicos", como metal-mecânico e transportes. No ano de 1959, esses setores, conjuntamente com a produção de petróleo, absorviam 42% do pessoal ocupado na indústria baiana, tendo o emprego na produção de bens intermediários e de capital crescido a taxas de 6,5% e 19,4% a.a. respectivamente (Brandão, 1985).

O segundo momento da economia regional foi denominado de **integração** e caracterizou-se pela transferência de capital produtivo para o Nordeste. O Estado desempenhou um papel relevante ao atrair para a Região Nordeste grupos econômicos do Centro-Sul através da SUDENE, tendo como instrumento principal a resolução 034/18 do FINOR, mecanismo de crédito fiscal criado em 1961 com o I Plano Diretor da SUDENE.

Segundo Guimarães e Souza (1984), "no bojo da crise 1961/67 o capital extra-regional descobre o Nordeste e, através de um Estado extremamente generoso, instala unidades de produção, ocupa um espaço regional, reproduz as relações oligopólicas e altera a natureza dos vínculos antes existentes entre a região e as áreas industrializadas do País". A instalação de novos setores industriais e a modernização das atividades produtivas modificou a estrutura de produção, através de uma nova organização da produção e dos novos processos de trabalho,

caracterizados por altos coeficientes de capital.(3)

Entre 1960 e 1978, economia regional sustentou uma taxa de crescimento de quase 7,0% a.a. e o produto do setor industrial mais que quadruplicou no mesmo período, o que significou uma expansão a uma cifra média anual de 8,7% nesse período (Guimarães Neto, 1984). Por outro lado, embora o emprego urbano tenha apresentado um ritmo de crescimento de 3,5% a.a. na década de 60, a parcela gerada pelo setor industrial expandiu-se a 1,9%; ou seja, o impacto direto destas novas políticas, em termos de geração de emprego, foi pouco expressivo no setor industrial, sendo mais significativa a criação de emprego pelo Setor Terciário.

Quanto à distribuição espacial das atividades econômicas, o principal resultado dessa política foi o aumento dos diferenciais intra-regionais. Apenas os Estados da Bahia e Pernambuco absorveram, entre 1960-1979, 59% do total dos recursos do governo federal destinados à região. Esta distribuição seguiu o padrão de localização da atividade industrial dos anos 60, quando estes dois estados respondiam por mais de 60% do VTI regional. A diferença observada foi quanto ao aumento de concentração dos investimentos industriais beneficiados pela SUDENE na Bahia, localizando-se 68% destes na sua Região Metropolitana. (4) Já no ano de 1980, o VTI baiano foi responsável por aproximadamente 50% do VTI regional.

A Bahia detinha 39% do investimento público regional, medido pela formação bruta de capital fixo do Setor Público, desde 1974 e passou a reter, em 1976, 46%. Por outro lado, em Pernambuco esta proporção passou de 15 para 13% nesse mesmo período. Itens como edificações não-residenciais e maquinarias cresceram durante esses anos a 26% a.a. e 42% a.a. respectivamente, no primeiro estado. Ainda no mesmo período os gastos públicos com energia elétrica e abastecimento d'água do estado foram superiores a 55% do total regional. Os recursos do FINOR liberados no período 1963-1981 também tiveram uma destinação semelhante: 35% dirigiram-se a Bahia e 24% a Pernambuco.

O estudo de Jatobá e Reduvoud (Brandão, 1985) chama a atenção para a parte significativa dos financiamentos aprovados pelo Banco do Brasil e Conselho do Desenvolvimento Industrial (CDI) que foi destinada ao Estado da Bahia nos anos 70.

Em Pernambuco, foi a Região Metropolitana do Recife a área que mais se beneficiou dos incentivos financeiros provenientes da SUDENE. A nova industrialização passou a dinamizar o setor manufatureiro e redefiniu o setor industrial estadual dentro do quadro da industrialização nacional. A indústria passou por um processo de reequipamento e modernização que teve como consequência a redução absoluta do número de emprego gerado pelo setor entre 1960 e 1975.

Já o Estado do Ceará recebeu uma parcela bem menor de investimentos; dentre os investimentos aí localizados entre 1962-1970, sobressaíram-se os projetos novos de bens de consumo duráveis. Estes representaram 21% dos investimentos regionais nesse setor, enquanto à Bahia foi destinado 25% e a Pernambuco 44% (Suarez, 1981).



A composição do setor industrial nesses dois Estados apresentou características diferenciadas. A Bahia atraiu a preferência das empresas produtoras de bens intermediários e de capital e Pernambuco apresentou uma concentração relativamente maior de indústrias de bens de consumo duráveis. Aproximadamente 58% dos investimentos regionais aí se localizaram.

Por outro lado, nesse mesmo período, a Bahia recebeu aproximadamente 42% dos investimentos regionais efetuados pelas empresas produtoras de bens intermediários e 36% das de bens de capital (Suarez, 1981) (5). Os setores privilegiados foram química, petroquímica, materiais não-ferrosos e fertilizantes.

Como consequência, em 1980 observou-se que na Bahia os bens intermediários chegaram a ser responsáveis por aproximadamente 70% do VTI estadual. Já em Pernambuco, estes bens responderam por 37% do VTI gerado e os não-duráveis de consumo por 45%.

Essa composição diferenciada do parque industrial das duas áreas metropolitanas e a relativamente mais antiga estrutura industrial do Recife resultou, no final da década de 70, num maior nível de emprego industrial na Região Metropolitana do Recife, comparativamente às duas outras regiões metropolitanas nordestinas, embora essa estivesse crescendo a ritmos menores, conforme se vê na Tabela 8 e no Gráfico 1.

O Gráfico 1 indica uma variação bem menor no pessoal ocupado na Região Metropolitana do Recife em relação às duas outras áreas, passando essa variação a ser negativa, desde 1981. Como consequência, em 1983, o nível de emprego apresentava-se bem inferior ao apresentado em 1979, e em todas as três áreas observam-se decréscimos, mas os verificados na Região Metropolitana do Recife foram mais significativos.

O fato do VTI ter crescido num ritmo bem mais acentuado em Salvador do que em Fortaleza, e do inverso ter ocorrido em relação ao pessoal ocupado, sugere que o processo de industrialização em Salvador deva estar se dando num ritmo bem mais intenso em capital. Outros indícios de que isso esteja ocorrendo já foram salientados anteriormente. Como já se viu no Estado da Bahia no ano de 1980, 70% do VTI gerado provinha da indústria de bens intermediários, enquanto que no Ceará esta proporção foi de 30%. Por outro lado, a indústria têxtil, a de vestuário e artefatos de tecidos cearenses, que apresentam um maior potencial de absorção de mão-de-obra, respondiam por 34% do VTI estadual naquele mesmo ano. É importante chamar a atenção para o crescimento ocorrido na última década desse setor industrial na Região Metropolitana de Fortaleza.

Os setores industriais mencionados anteriormente foram responsáveis, em 1970, por 21% do VTI estadual e apresentaram um incremento de 50% entre 1970 e 1980. Paralelamente, o pessoal aí ocupado cresceu a uma taxa média anual de 7,1% ao ano entre 1970 e 1980.

A partir de 1978, o período de expansão industrial nordestina passou a apresentar indícios de redução no seu ímpeto de crescimento. Dados citados por Guimarães e Souza (1984) mostram que no período de 1970-1977 a expansão dos investimentos se deu a uma taxa média anual de 22% e caiu para 2,9% no ano de 1978, apresentando-se negativa entre 1980-1981. A desaceleração nos investimentos repercutiu de maneira significativa no nível de emprego re-

gional e, em especial, das Regiões Metropolitanas.

Os dados do Gráfico 1 mostram que essa desaceleração apresentou impactos diferenciados no processo de absorção de mão-de-obra das três áreas metropolitanas. Estes foram mais expressivos na região do Recife, onde a queda do nível de emprego foi de 17,8% entre 1979 e 1983; já em Fortaleza, as repercussões foram menores, tendo o emprego declinado de 8% no período; em Salvador, essa redução foi de 11,3%.

Na década passada, a Região Metropolitana de Fortaleza foi, dentre as três regiões estudadas, a que apresentou a maior taxa líquida de migração (conforme foi visto na Tabela 2) e a maior taxa de crescimento no emprego industrial. Além disso, a forte seca que assolou essa região na última década (1979/1983), incidindo mais sobre o Estado do Ceará do que sobre a Bahia, pode ter contribuído para o aumento da migração em direção a Fortaleza.

Considerando-se o valor dos investimentos incentivados e o valor da transformação industrial, pode-se dizer em resumo que a política de industrialização regional, ocorrida no período de 1960 a 1970, beneficiou mais a Região Metropolitana de Salvador relativamente às demais. Não obstante os maiores investimentos nessa área, o nível de absorção da mão-de-obra foi mais significativo na Região Metropolitana de Fortaleza, provavelmente pela composição do parque industrial aí instalado e pela função tecnológica empregada. Isto sugere que a atração migratória não se dá apenas pela industrialização em si mesma. Outros fatores devem ser considerados.

## OS OUTROS SETORES DA ECONOMIA

No processo de integração da economia nordestina no contexto nacional, as atividades terciárias também apresentaram transformações significativas e um grande dinamismo: expandiram-se a uma taxa anual superior a 8%, tendo quadruplicado a renda gerada no período 1960-1980. O processo de expansão dessas atividades, onde são bem visíveis as transformações ocorridas nos setores comércio e serviços formais, ocorreu simultaneamente com o crescimento da pequena produção "informal".

No setor comércio, ressalta-se a transformação significativa representada pela maior integração inter e intra-regional, a qual, pela modernização dos sistemas de transporte e pela consolidação da indústria automobilística, teve repercussões significativas na redução dos custos de deslocamentos de pessoas e mercadorias.

A evolução das vendas e do pessoal ocupado no total do setor segundo as diferentes classes de comércio indicam algumas mudanças estruturais. Uma das mais significativas é, sem dúvida, a sensível perda de importância do comércio atacadista em termos de absorção de mão-de-obra. A participação do pessoal aí ocupado no total de empregos gerados pelo comércio decresceu de 20 para 11,5% entre 1970 e 1980. Outra mudança significativa foi o surgimento e a expansão das unidades de auto-serviços, entre os quais predominam os supermercados. A ex-



panção desse tipo de unidade comercial implica na redução da participação dos estabelecimentos varejistas no total dos estabelecimentos comerciais e exercem um impacto significativo também sobre as relações de trabalho e a absorção de mão-de-obra, pois são mais intensivos em capital. A redução do número de estabelecimentos varejistas foi mais significativa em Pernambuco do que nos outros estados nordestinos.

Comparando-se a relação receita/pessoal ocupado nos estabelecimento varejistas, mostrada na Tabela 9, observa-se em Pernambuco um volume de receita por emprego criado. Esse fato, aliado ao crescimento mais acentuado dos estabelecimentos de auto-serviços em relação aos demais tipos de estabelecimentos comerciais, resultou num crescimento menor do pessoal ocupado nesse setor comparativamente à Bahia e Ceará. Pela Tabela 9 pode-se perceber também a grande diferença existente entre a relação calculada para o conjunto dos estabelecimentos varejistas e o de auto-serviços, mostrando a menor capacidade de absorção de mão-de-obra neste último tipo de estabelecimento.

Em consequência, o emprego gerado pelo comércio na Região Metropolitana do Recife cresceu menos na última década do que nas duas outras regiões metropolitanas nordestinas (Tabela 10), não obstante todas as três áreas terem apresentado taxas elevadas de crescimento. Essa tabela apresenta também o emprego gerado pelo setor serviços, que mostrou comportamento semelhante ao do comércio quanto ao crescimento do pessoal aí ocupado.

No chamado setor 'informal', a Região Metropolitana de Recife também se mostra em situação desprivilegiada frente à Região Metropolitana de Salvador. Em 1978, no total da PEA, Salvador contava com 79% de assalariados, sendo que 24% deles não tinham suas carteiras de trabalho assinadas. O subemprego subentendido em indicadores como 12% das pessoas ocupadas trabalhando menos de 40 horas semanais e 24% não contribuindo para o sistema de Previdência Social - também apresentou-se menor nessa área. Para a Região Metropolitana do Recife estimou-se, neste mesmo ano, que 70% da PEA era constituída por assalariados, dos quais 34% não tinham carteira assinada; 13% da PEA trabalhavam menos de 40 horas semanais e 39% não contribuíam para a Previdência Social.

A situação dos trabalhadores de Fortaleza assemelhava-se à do Recife. A PNAD de 1978 indicou 70% da PEA constituída por assalariados, sendo que 40% não tinham carteira assinada. Deste volume, 13% trabalham menos de 40 horas semanais e 40% não contribuíam para a Previdência Social.

É importante ressaltar que no Nordeste as atividades chamadas 'informais' têm assumido um papel cada vez mais proeminente no mercado de trabalho urbano, tendo sido consideradas como um mecanismo de ajuste à modernização das atividades produtivas e, no início da década, à retração da atividade econômica. O tamanho desse setor é diferenciado segundo as áreas urbanas e, embora as comparações sejam precárias, os dados indicam assumir uma dimensão maior no Recife do que nas duas outras áreas metropolitanas. Segundo dados citados por JATOBÁ (1985), em 1980 44% da força de trabalho da Região Metropolitana do Recife estava lotada no setor informal urbano. Em Fortaleza e Salvador, no ano de 1978, essa proporção foi de 40,9 e 31,5%, respectivamente.

Não obstante todo o dinamismo e modernização da economia urbana regional nas duas últimas décadas, a sub-remuneração da população que trabalha alcança a maior parte das atividades produtivas e diz respeito tanto aos setores 'informais', quanto às atividades e empresas produtivas formalizadas. As Regiões Metropolitanas do Recife e Fortaleza apresentaram, segundo o Censo Demográfico de 1980, mais de 75% de sua PEA percebendo menos de 2 salários mínimos. Em Salvador, essa proporção foi ligeiramente inferior, atingindo 66% da população.

No período mais recente, as informações sobre algumas variáveis econômicas - por exemplo, o emprego e a produção industrial nos primeiros anos da década de 80 - revelam um menor crescimento para Pernambuco (e por extensão para a RMR) do que para Ceará e Bahia (consequentemente para RMF e RMS). Os dados conjunturais do emprego, índice SINE, têm também revelado, de 1977 até 1983, uma evolução diferenciada do emprego na atividade industrial, na construção civil, no comércio e nos serviços e, portanto, no total do emprego, nas três regiões metropolitanas nordestinas (ver Gráfico 2). Observa-se em Recife um crescimento bem mais modesto do emprego nas atividades formais.

Seja pelo seu crescimento menos dinâmico, como no caso da indústria, seja pelo caráter mais poupador de mão-de-obra das atividades em expansão, como é o caso do setor Comércio, Recife apresenta-se em desvantagem com relação à geração de empregos frente a outras áreas metropolitanas. Apenas atividades informais têm mostrado aí um peso significativo, mas como elas se caracterizam pela sub-remuneração do pessoal lotado, não devem constituir, por si só, em atrativo para a mão-de-obra migrante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já desde a década de 60, a Região Metropolitana do Recife vem apresentando um menor ritmo de crescimento relativamente às duas outras regiões metropolitanas nordestinas, pela sua menor taxa líquida de migração. Paralelamente, as atividades econômicas dessa área vêm perdendo importância no contexto da economia regional e, consequentemente, no total do emprego gerado no Nordeste. Essa perda tem se dado em favor do aumento da importância das outras duas áreas, principalmente Salvador, onde se concentrou a maior parte dos investimentos regionais a partir de 1960. Por outro lado, no período mais recente, foi em Fortaleza que se verificou maior taxa líquida de migração e um ritmo de crescimento mais significativo para o emprego formal. Neste caso, não se pode deixar de mencionar o impacto da forte seca que assolou a Região Nordeste, atingindo mais intensamente o Estado do Ceará.

Seria interessante chamar a atenção para a associação entre movimentos migratórios e estrutura produtiva, associação esta que deveria ocorrer via dinâmica de alocação de mão-de-obra. Conforme se viu, o processo de expansão da atividade produtiva ocorrido de forma mais intensa em Salvador, pelo seu caráter intensivo em capital, não resultou em taxas mais elevadas de migração e crescimento populacional para essa área. Tal fenômeno sugere que a simples expansão das atividades econômicas não é suficiente para alterar o perfil da distribuição espacial de uma população. O processo de produção tem um peso significativo nessa distribuição.



Feitas essas considerações, é importante considerar que, não obstante esteja concentrada nas cidades a maior parte dos investimentos públicos e privados, não se deve interpretar o crescimento da imigração nas Regiões Metropolitanas de Salvador e Fortaleza apenas pelo crescimento de seus setores econômicos e pelos fatores de atração aí existentes. Na maioria das vezes não se coloca para o migrante a alternativa de ficar no campo ou deslocar-se para as cidades. As transformações ou as não-transformações (a estagnação) que aí ocorrem, a destruição do emprego nessas áreas, os fatores climáticos tal como a seca, tornam os grandes centros urbanos a única possibilidade de sua sobrevivência, transformando-os, *ex-post*, em áreas de atração.

As taxas de desemprego, os dados sobre sub-remuneração, subemprego e tamanho do setor informal da Região Nordeste permitem ter uma idéia de 'qualidade' do emprego oferecido pelas áreas urbanas e do que significa esse poder de atração. Isto requer que se leve em consideração num estudo sobre deslocamentos populacionais, além dos fatores de atração, os de expulsão que estão muito presentes na zona rural nordestina e outros de cunho não econômico. Há que se destacar o papel do consumo no sentido amplo (infra-estrutura urbana), os laços de parentesco, a modernização, para entender porque a população brasileira prefere ser pobre na cidade do que no campo.

TABELA 1  
 Região Nordeste  
 Volume da População Segundo as Regiões Metropolitanas  
 1960-1980

Regiões Metropolitanas	População		
	1960	1970	1980
Fortaleza . . . . .	655,7	1.038,0	1.581,6
Recife . . . . .	1.197,0	1.792,7	2.348,4
Salvador . . . . .	765,9	1.148,8	1.772,0

FONTE: FIBGE. Censos Demográficos de 1960, 1970 e 1980.

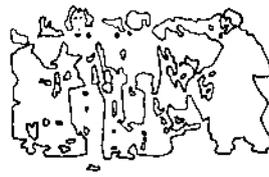


TABELA 2  
Região Nordeste  
Componentes do Crescimento Populacional, Segundo as Regiões Metropolitanas  
1960-1980

Regiões Metropolitanas	Taxa Bruta de Natalidade (A)		Taxa Bruta de Mortalidade (A)		Taxa de Crescimento Vegetativo (B)		Taxa Líquida de Migração (C)		Taxa de Crescimento Observada (B)	
	60/70	70/80	60/70	70/80	60/70	70/80	60/70	70/80	60/70	70/80
Fortaleza . . . . .	51,4	35,1	21,5	16,1	3,3	1,9	1,4	2,4	4,7	4,3
Recife . . . . .	46,6	35,7	19,7	13,9	2,7	2,2	1,1	0,5	3,8	2,7
Salvador . . . . .	48,0	33,1	16,5	8,8	3,2	2,4	1,4	2,0	4,6	4,4

FONTE dos Dados Brutos: FIBGE. Censos Demográficos de 1970 e 1980.

NOTA (A) = 1.000 habitantes.

(B) = 100 habitantes.

(C) = Obtida pela diferença entre a taxa de crescimento vegetativo e observada.

Expressa por 100 habitantes.

OBS.: Todas as taxas tratam-se de médias anuais.

TABELA 3  
Região Nordeste  
Volume de Ingressos e Saídas Segundo as Regiões Metropolitanas  
1970-1980

Regiões Metropolitanas	Ingresso		Saídas	
	Absoluto (em 1.000 Hab)	Relação à Pop. de 1980 %	Absoluto (em 1.000 Hab)	Relação à Pop. de 1970 %
Fortaleza . . . . .	368,1	23	163,2	16
Recife . . . . .	513,2	22	460,5	26
Salvador . . . . .	307,6	17	153,9	13

FONTE: FUNDAÇÃO IBGE. Tabulações especiais do Censo Demográfico de 1980.

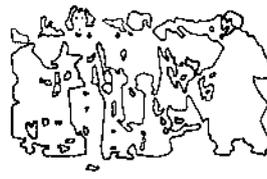


TABELA 4  
Região Nordeste  
Volume de Entradas e Saídas por Origem e/ou Destino, Segundo as Regiões metropolitanas  
1970-1980

Em 1.000 habitantes

Região Metropolitana	Origem das Entradas			Destino das Saídas		
	Região Metropolitana	Fora da RM	Total	Região Metropolitana	Fora da RM	Total
Fortaleza . . . . .	45,5 (12)	322,6 (88)	368,1 (100)	45,5 (18)	117,7 (72)	163,2 (100)
Recife . . . . .	243,2 (47)	270,0 (53)	513,2 (100)	243,2 (53)	217,3 (47)	460,5 (100)
Salvador . . . . .	36,4 (22)	271,1 (88)	307,5 (100)	36,4 (24)	117,5 (76)	153,9 (100)

**FONTE:** Fundação IBGE. Tabulações Especiais do Censo Demográfico de 1980.  
**NOTA:** Os dados entre parênteses indicam o percentual com relação ao total de imigrantes e emigrantes, respectivamente.

TABELA 5  
 Região Nordeste  
 Participação do Valor da Transformação Industrial (VTI), do  
 Pessoal Ocupado na Indústria (PO) e do Volume Populacional  
 das Regiões Metropolitanas Relativamente e seus Estados  
 1980

Regiões Metropolitanas	Em Percentagem		
	VTI	PO	População
Fortaleza . . . . .	63	63	29
Recife . . . . .	69	56	29
Salvador . . . . .	84	44	12

**FONTE dos Dados Brutos:** FIBGE. Censo Industrial de 1980 e Censo Demográfico de 1980.



TABELA 6  
Região Nordeste  
Distribuição do Valor da Transformação Industrial, Segundo as Regiões Metropolitanas  
1950-1980

Regiões Metropolitanas	Em Valores Correntes (Mil cruzeiros)				Distribuição Percentual			
	1959	1970	1975	1980	1959	1970	1975	1980
Fortaleza . . . . .	1.413	270.302	1.603.156	24.659.618	2	4	3	3
Recife . . . . .	9.070	787.838	4.441.114	53.643.418	10	10	9	7
Salvador . . . . .	5.462	565.293	5.034.887	119.544.606	6	7	10	16
Região Nordeste . . . . .	92.826	7.261.248	50.511.513	729.314.680				

FONTE dos Dados Brutos: Censos Industriais de 1960, 1970, 1975 e 1980.

TABELA 7  
Região Nordeste  
Número de Estabelecimentos, Pessoal Ocupados e Valor da Produção Industrial (VPI) da Indústria Têxtil,  
Segundo os Estados do Ceará, Pernambuco e Bahia  
1950-1960

Estados	Estabelecimentos			Pessoal Ocupado			% VTI Têxtil no VTI Estadual	
	Número		Variação Percentual (%)	Volume		Variação Percentual (%)	1950	1960
	1950	1960		1950	1960			
Ceará . . . . .	190	140	-24	5.326	5.224	-2	26	47
Pernambuco . . . . .	95	173	82	33.442	21.404	-36	32	10
Bahia . . . . .	45	104	131	6.385	4.311	-34	12	3

FONTE dos Dados Brutos: FIBGE. Censos Industriais de 1950 e 1960.



TABELA 8  
Região Nordeste  
Pessoal Ocupado na Indústria, Segundo as Regiões Metropolitanas  
1970-1980

Regiões Metropolitanas	Em Valores Absolutos			Taxas de Crescimento (%)		
	1970	1975	1980	1970-1975	1975-1980	1970-1980
Fortaleza . . . . .	24.900	42.574	60.686	10,7	7,1	7,1
Recife . . . . .	52.354	67.227	74.300	5,0	2,0	2,0
Salvador . . . . .	27.560	43.429	59.375	9,1	3,1	3,1
Região Nordeste . . . . .	276.262	351.134	477.306	4,8	3,1	3,1

FONTE dos Dados Brutos: FIBGE, Censos Industriais de 1970, 1975 e 1980.

TABELA 9  
 Região Nordeste  
 Relação entre Receita e Pessoal Ocupado no  
 Comércio Varejista, Segundo Alguns Estados  
 1975

Em 1.000 Cr\$

Estados	Estabelecimentos Varejistas	Estabelecimentos de Auto-Serviços
Ceará . . . . .	85,4	274,4
Pernambuco . . . . .	130,7	301,0
Bahia . . . . .	114,8	297,1

FONTE: JATOBÁ, 1985.



TABELA 10  
Região Nordeste  
Pessoal Ocupado no Setor Comércio e Serviços e suas Taxas  
de Crescimento, Segundo as Regiões Metropolitanas  
1970-1980

Regiões Metropolitanas e Setor de Atividade	Pessoal Ocupado			Taxas de Crescimento (%)		
	1970	1975	1980	1970-1975	1975-1980	1970-1980
Comércio						
Fortaleza . . . . .	24.888	33.963	48.035	6,2	6,9	6,9
Recife . . . . .	46.127	57.034	76.426	4,2	5,8	5,8
Salvador . . . . .	32.943	39.724	63.204	3,7	9,3	9,3
Serviços						
Fortaleza . . . . .	11.417	19.979	41.212	11,2	14,4	14,4
Recife . . . . .	19.418	33.549	55.915	10,9	10,2	10,2
Salvador . . . . .	15.834	28.183	53.306	11,5	12,7	12,7

FONTE dos Dados Brutos: Censos Comerciais de 1970, 1975 e 1980 e Censos de Serviços de 1970, 1975 e 1980.

## NOTAS

1. Nesse mesmo período, a participação do Nordeste no Valor de Produção Industrial do País apresentou uma redução de 16 para 7,6%. Concomitantemente, a proporção que a região detinha no VPI gerado pela têxtil nacional reduziu de 16,5 para 13,9.
2. Estas informações foram extraídas dos Censos Industriais de 1950 e 1960.
3. Cumpre salientar que a rapidez de processo de modernização regional ocorrida entre 1960-78 deixou perplexos vários autores. Ver, por exemplo, Furtado (1961) citado em Guimarães Neto e Vale (1984). Suarez (1984) comenta que a formação bruta do capital nordestino atingiu quase 50% nos anos 60, façanha inédita mesmo para o Japão da restauração Meiji.
4. Entre 1966-75, 61% do valor dos investimentos previstos em projetos aprovados pela Sudene para o Nordeste foi absorvido pelo Estado da Bahia. Esta participação declinou para 30% no ano seguinte, mas em 1980 ela atingiu 52% (Brandão, 1985).
5. Por bens intermediários considera-se minerais não-metálicos, metalúrgica, borracha, couros e peles, papel e papelão, madeira, química e produtos de materiais plásticos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Maria de Azevedo. 1985. A 'Regionalização' da Grande Indústria do Brasil: Recife e Salvador na Década de 70. In: *Boletim sobre População e Renda no Nordeste*. Recife, SUDENE/Fundação Joaquim Nabuco, vol. 3, set/dez 84, nº 3.
- CAMARANO, Ana Amélia. 1985. Tendências Recentes da Dinâmica Demográfica a Nível Regional. In: *Boletim sobre População, Emprego e Renda no Nordeste*. Recife, SUDENE/Fundação Joaquim Nabuco, vol. 3, set/dez 84.
- CAMARANO, Ana Amélia. 1986. *Nordeste: Evolução da População e da Força de Trabalho Até o Ano 2000*. (Coordenação) Recife, Fundaj, Editora Massangana.
- CONDEPE. 1985. *Informações Demográficas de Pernambuco: Cenário Prospectivo da População Pernambucana: 1986-1990*. Recife, CONDEPE.
- FARIA, Vilmar. 1981. Dinâmica Populacional e Urbanização (1850-1950). In: *Estudos da População VII - Recife*. São Paulo, CEBRAP.
- FARIA, Vilmar. 1986. Mudanças na Composição do Emprego e na Estrutura das Ocupações. In: BACHA, E. e KLEIN, A. (Org.): *A Transição Incompleta*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- FUNDAÇÃO IBGE. *Censos Comerciais*. (Diversos Anos e Estados).



- FUNDAÇÃO IBGE. *Censos Demográficos*. (Diversos Anos e Estados).
- FUNDAÇÃO IBGE. *Censos Industriais*. (Diversos Anos e Estados).
- FUNDAÇÃO IBGE. *Censos dos Serviços*. (Diversos Anos e Estados).
- FUNDAÇÃO IBGE. *Indicadores Conjunturais da Indústria: Produção Regional* (Diversos Anos).
- FUNDAÇÃO IBGE. 1985. *Pesquisa Mensal do Emprego*. Rio de Janeiro.
- FUNDAÇÃO IBGE. 1980. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 1978*. Rio de Janeiro.
- FUNDAÇÃO DE INFORMAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE PERNAMBUCO. 1982. *Evolução do Emprego 1949-1981*. Recife.
- INFANTE, Ricardo. 1984. *Ajustes dos Mercadores de Trabalho Urbano e Desemprego Aberto: Situação e Perspectivas*. Brasília, setembro (mimeo).
- JATOBÁ, Jorge. 1983. *Emprego no Nordeste 1950 - 1980: Modernização e Heterogeneidade*. (Organ.) Recife, Editora Massangana.
- JATOBÁ, Jorge. 1985. *Desenvolvimento Regional, Crise e Mercado de Trabalho: O Caso Brasileiro com Atenção Especial para o Nordeste 1981-1983*. Recife, junho. (Texto escrito para a Revista Internacional do Trabalho).
- MOREIRA, Ana Amélia Camarano de M. e MOREIRA, Morvan de M..1984. Dinâmica demográfica do Nordeste 1960-1980. In: *Revista Econômica do Nordeste*. Fortaleza, BND, vol. 14, nº 14, out-dez/84.
- MOURA, Hélio. 1985. A Recente dinâmica demográfica do Nordeste: seus determinantes e implicações. In: *Revista Econômica do Nordeste*. Fortaleza, BNB, vol. 6, nº 2, abr-jun.
- NETO, Leonardo G. 1982. O Emprego do Nordeste: Sugestões de Políticas. In: *Revista Econômica do Nordeste*. Fortaleza, BNB, vol. 13, nº 3, jul-set.
- NETO, Leonardo G. 1986. *Nordeste: da articulação comercial à integração econômica*. Campinas, UNICAMP. (Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas).
- NETO, Leonardo G. e SOUZA, Aldemir do Vale. 1984. A Dinâmica do Mercado de Trabalho Urbano no Nordeste. In: CARVALHO, Inaiá, M.M. e HAGUETTE, Tereza M. Frota (org.): *Trabalho e Condições de Vida no Nordeste Brasileiro*. São Paulo, Editora Hucitec.
- OLIVEIRA, Francisco de. 1977. *Elegia para uma religião*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

- SECRETARIA DE EMPREGO E SALÁRIO (SRS/MTb). 1984. *Conjuntura do emprego urbano*, nº 9. Brasília, dez.
- SANTOS, Jair L.F. e SINGER, Paul. 1971. *A dinâmica populacional de Salvador 1940-1968*. Salvador, Edição Programa de Recursos Humanos da UFBA.
- SINGER, Paul. 1968. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo, Cia. Nacional, Editora da Universidade de São Paulo.
- SINGER, Paul. 1982. Crescimento e População: In: *Revista de Economia Política*, vol. 2, nº 3, jul-set.
- SUAREZ, Maria Tereza. 1981. O Recife se Mudou. In: *Estudos de População VII - Recife*. São Paulo, CEBRAP.

ABSTRACT - Having as a starting point the link between migration dynamics and economics, this paper tries to understand the general course determining the differentiated evolution of population growth in three metropolitan areas in the Brazilian Northeast (Fortaleza, Recife and Salvador). The Metropolitan Area of Recife has been losing its attraction power in face of the two other areas due to its smaller economical dynamism. While Salvador has been exhibiting a greater expansion in the industrial sector, the Metropolitan Area of Fortaleza showed the highest net migration rates. The outcome directs the attention to the fact that the link between migration dynamics and economics is not so straightforward as might be expected. For a good understanding of the phenomenon other factors must be considered besides the traditional expulsion and attraction factors.